

# Atelier de Escrita: interrogações sobre sua operatividade clínico-institucional

Aluna: Luiza F. Petry (PROBIC/FAPERGS) - Orientadora: Simone Moschen Rickes (FACED/UFRGS)

## Introdução

A presente pesquisa insere-se no Projeto "A construção do caso e os dispositivos clínicos institucionais no trabalho com a psicose" sob coordenação da Profa. Dra. Maria Cristina Poli, e Profa. Dra. Simone Moschen Rickes. O trabalho aqui apresentado se desdobra a partir do estudo dos percursos de sujeitos que, atendidos no CAPS Cais Mental Centro, freqüentam o Atelier de Escrita, dispositivo clínico - institucional que ocorre semanalmente sob a coordenação de Ester Trevisan e Denise da Silveira desde 2002, tendo o projeto de pesquisa nele se inserido no ano de 2011.

O presente trabalho objetiva discutir a função que este espaço assume para seus participantes, tanto no que concerne à direção de seu tratamento nesta instituição quanto no que a transborda. Para tanto são abordados os casos de Américo e Ademir - nomes fictícios - utilizando-se de recortes de suas produções, entrevistas com profissionais do serviço a eles vinculados bem como aspectos próprios do Atelier, como sua forma de funcionamento e os pressupostos teóricos que o orientam.

## Atelier

A nomeação do dispositivo clínico - institucional do qual tratamos nesse estudo tem grande influência/conseqüência no trabalho desenvolvido. A preferência pelo nome de Atelier, que, em francês condensa *acte* (*ato*) e *lier* (*ligar*) remete à idéia de um tecido que se borda: "bordar (escrever) sobre uma superfície (folha, corpo), delimita e demarca as bordas pelas quais se dá, ao mesmo tempo, a separação do outro (fazendo um) e a união com o outro (compondo o corpo coletivo)" (Trevisan, 2007, p.184). O que ali se produz está sustentado em uma relação transferencial que dá suporte a uma possibilidade de compartilhamento, de passagem do privado ao público, mesmo que neste espaço restrito de funcionamento e circulação, propiciando certa mediação das relações entre os participantes. O Atelier configura-se como um espaço privilegiado onde os usuários encontram um modo possível de expressão. Percebe-se também a importância da função desempenhada pelo *testemunho*. Gagnebin (2006) diz que estaria em posição de testemunha aquele que consegue suportar o relato do outro, não por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica assumida por causa e apesar do sofrimento indizível, pode ajudar

## Forma de Funcionamento

O ingresso no Atelier não obedece a um trâmite prescritivo. Os que ali estão o fazem somente por ter alguma relação com a escrita. Parte-se do pressuposto de que se o sujeito se propõe a compartilhar esse espaço, é porque ele procura, de alguma maneira, um *endereçamento* para suas questões através da escrita.

O Atelier acontece semanalmente, à tarde, com duração de uma hora, e, para sua organização, é dividido em três tempos: em um primeiro momento, acolhem-se os oficineiros; em seguida, estes são convidados pelos oficineiros - que também produzem seus textos - a escrever sobre um tema que lhes convoque; e, em um terceiro momento, compartilha-se o que foi escrito. Trata-se de um escrito livre, e o momento de compartilhar os escritos se dá sob forma de convite, respeitando os limites da intervenção e do tempo dos participantes.

Escrever, ler, deixar cair as letras da ponta da caneta pode ser um exercício prazeroso e doloroso ao mesmo tempo, pois a escrita também traz à tona algo da ordem da perda. Perceber o tempo clínico de cada participante, estar atento aos significantes que aparecem pela escrita são alguns dos desafios colocados ao Atelier de escrita.

## Américo

Américo é usuário do CAPS desde 2010, chega acompanhado por um familiar, e começa a vincular-se ao serviço através de uma assistente social, sendo este vínculo rompido quase concomitante à aquisição de benefício pelo LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social). Em seus primeiros meses no serviço, começou a freqüentar o Atelier de escrita sendo este a única forma suportável que encontrava para falar de si. Para além disto, recusou-se enfaticamente à proposta de um atendimento individual; mesmo assim, não deixa de trazer questões relativas a suas angústias e medos. No Atelier, endereça sonhos aos oficineiros, relatando-os e questionando-os. Talvez, para Américo, o dispositivo do Atelier seja o mais perto que se possa chegar de suas questões, a única forma suportável de falar sobre si. A escrita para Américo tem se mostrado um meio possível de constituição de narrativas, relatos que tem a potência de permitir a externalização de impasses.

## Ademir

Ademir é um de seus freqüentadores mais antigos e assíduos do Atelier de Escrita - o faz desde 2003. Além do Atelier, mantém desde sua entrada ao CAPS um atendimento individual, e também circula por algumas oficinas. Percebe-se que o lugar do Atelier se diferencia da escuta clínica no espaço individual e que, inclusive, utiliza-se deste espaço ao dar uma nova significação às questões trazidas em seu espaço de escuta individual. Em dado momento de sua vida, Ademir sentia-se preso ao sofá, pois era sentado nele que recebia, pela televisão, as notícias que o angustiavam; a sensação era de extrema angústia e sufocamento. No trabalho de escrita ele consegue tornar o sofá um personagem da ficção que criara, estabelecendo uma distância mínima entre o delírio que o assolava e a construção de uma história. Essa construção propicia, mesmo que transitoriamente, experienciar uma posição de menor objetualização frente ao Outro.

## Referências

- FREUD, Sigmund (1996). "Construções em análise" (1937a). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII
- GAGNEBIN, Jeanne Mari. Lembrar, escrever, esquecer. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.
- GUERRA, Andréa Máris Campos - Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: Costa, C. e Figueiredo, A. C. (org) - Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra capa, 2004.
- TREVISAN, Ester. Atelier de escrita: a construção de um lugar de endereçamento. In: Psicose: aberturas da clínica. Porto Alegre: Libretos, 2007. p. 173-189;

**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL